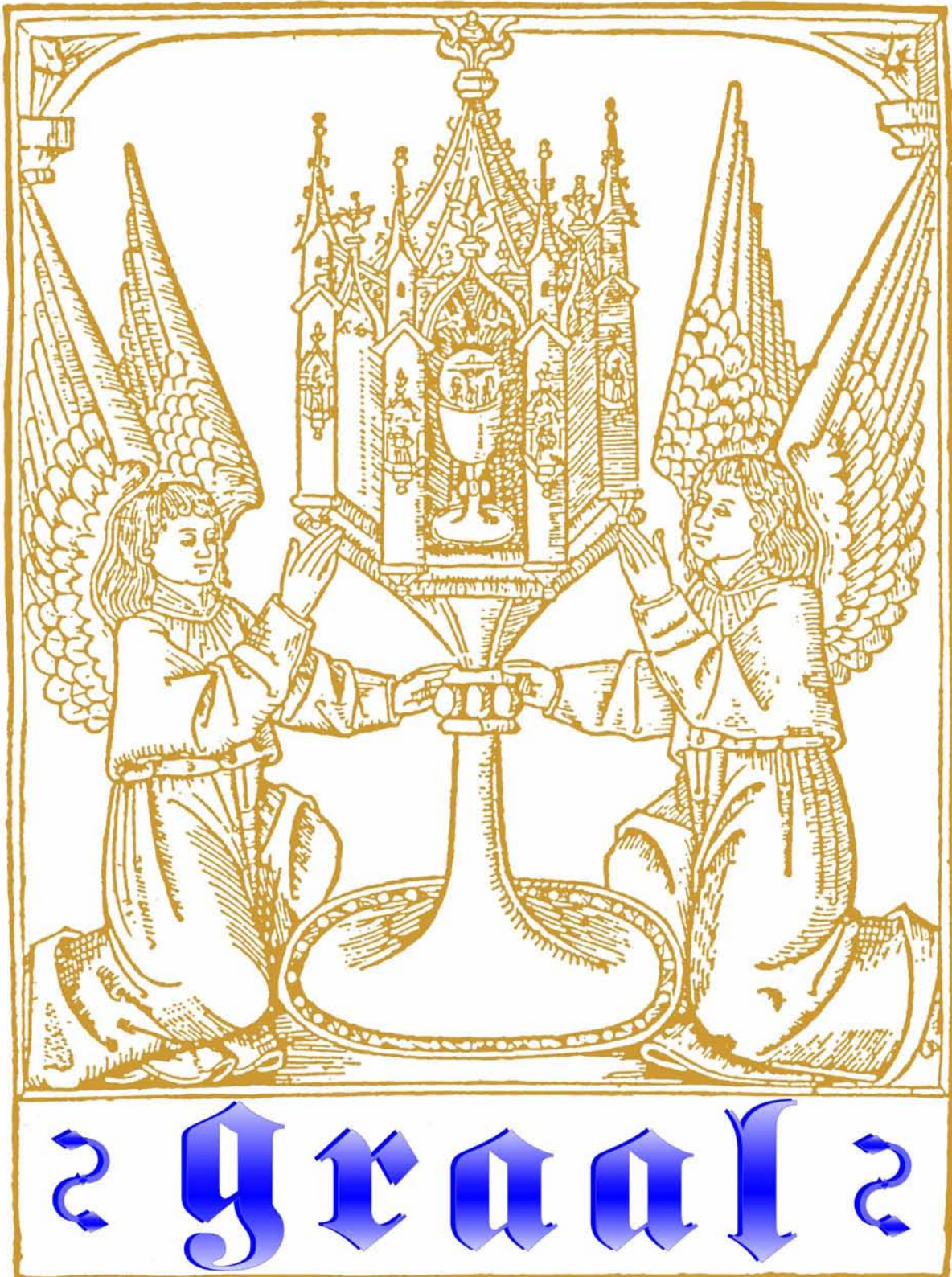


Comunidade Portuguesa de Eubiose



A EUBIOSE E O MOMENTO ACTUAL

Eubiose, Uma Escola Aquariana
A Sinarquia Eubiótica e o Avatara de Aquarius
Mundos Subterrâneos e a Missão da Eubiose

A EUBIOSE E O MOMENTO ACTUAL

EUBIOSE, UMA ESCOLA AQUARIANA

Manuel Garrido

A SINARQUIA EUBIÓTICA E O AVATARA DE AQUARIUS

António Tavares

MUNDOS SUBTERRÂNEOS E A MISSÃO DA EUBIOSE

Olímpio Gonçalves



A EUBIOSE E O MOMENTO ACTUAL - 5ª edição

Revista Graal - Número especial

© Comunidade Portuguesa de Eubiose 1992

Autorizada a reprodução parcial desde que citada a origem

Em resposta a várias pretensões havidas por parte de inúmeros simpatizantes da filosofia da Eubiose e também de amigos de outras procedências, espiritualistas ou não, decidiu a Comunidade Portuguesa de Eubiose levar a efeito na Sociedade Portuguesa de Naturalogia, em 30 de Novembro de 1991, um painel público em que foram proferidas três palestras focando aspectos relevantes da Sabedoria das Idades, inseridos no horizonte peculiar desta Escola Esotérica.

Por que se manifestaram, por outro lado, pedidos expressos de múltiplos assistentes para que esses trabalhos fossem publicados, é com muito gosto que respondemos às amáveis e, para nós, desvanecedoras solicitações de quantos se nos dirigiram nesse sentido.

Que a leitura destes textos contidos na publicação presente, sem qualquer carácter dogmático, antes expostos no âmbito universalista das acções e perspectivas aquarianas ditadas pelos Mestres excelsos – a quem se deve todo o ensinamento – possa corresponder, de qualquer modo, às expectativas e anseios manifestados.

A Comunidade Portuguesa de Eubiose

EUBIOSE, UMA ESCOLA AQUARIANA, SEUS OBJECTIVOS

Os estudantes da Tradição aceitam hoje, com naturalidade, que, ao longo de milhões de anos, numerosos seres vão encarnando ciclicamente, construindo civilizações atrás de civilizações, que exprimiram e exprimem diferentes características e qualidades através de sucessivas raças e sub-raças humanas.

Muitas eras se iniciaram e acabaram, Idades de Ouro, Prata, Bronze e Ferro se sucederam. No entanto uma coisa foi constante: um pequeno grupo de seres excepcionais sempre caminhou, por mérito próprio, à frente da Humanidade, puxando por ela, guiando-a, encaminhando os seus passos de variadas formas, adaptadas às necessidades de cada situação. Referimo-nos, evidentemente, àqueles seres a que chamamos Mestres ou Guias. Com eles devemos também referir os seus colaboradores humanos mais directos, os restantes iniciados e discípulos.

Eles definiram ou inspiraram as religiões e as leis que, em cada época e lugar, serviram de apoio a todos esses grupos humanos. A Humanidade, dentro do seu livre arbítrio, consciente ou não dessa influência, foi ultrapassando as adversidades da vida, as situações de guerra permanente, chegando aos nossos dias dividida em blocos, em que alguns parecem estar a centenas ou milhares de anos de atraso evolutivo, dependendo do ponto de vista com que se observe.

As numerosas religiões existentes tiveram serventia particular em determinadas épocas e locais e foram evoluindo ciclicamente, acompanhando as mudanças de capacidade de compreensão da Tradição Divina, expressa nos Livros Sagrados pelos diversos povos. Os Mestres são, neste caso, os detentores da Tradição e a expressão viva desta Sabedoria.

Com os Mestres trabalham muitos outros que também se adiantaram no “caminho”; aspirantes, discípulos, iniciados, em diferentes níveis de evolução, mas todos eles capazes de ver mais longe e, como tal, também capazes de servir de guias, por sua vez, aos restantes humanos, como lanternas luminosas na escuridão. A pouco e pouco, no seio da Humanidade, homens e mulheres descobrem no seu

interior um certo mal estar com a situação de profunda apatia, egoísmo e materialismo que os rodeia. Começam, pois, a sentir um impulso para trabalhar no sentido de ajudar a construir outra sociedade, mais justa, mais fraterna, mais una, em que as diferenças se complementem construtivamente constituindo a sua riqueza, em vez de se repelirem de forma destrutiva.

Para estes aspirantes e discípulos, as religiões, que correspondem a uma formação primária, não servem mais, da mesma forma que ninguém lucra em permanecer eternamente na escola primária, por fundamental e importante que esta seja.

Surgiram, pois, as Escolas ditas esotéricas ou ocultistas, que têm como objectivo ajudar a preparar os estudantes interessados em práticas e conhecimentos espirituais mais avançados, ou melhor, iniciáticos, que os ajudam a percorrer o caminho da iniciação. E dizemos ajudam, pois só cada interessado pode por si mesmo, com esse apoio, é certo, caminhar mais rapidamente no sentido da evolução. Estas matérias e práticas mantiveram-se desconhecidas da sociedade em geral, rejeitadas por ela, reagindo por vezes violentamente contra os que, por algum motivo, as traziam a lume.

Ao longo dos tempos, só alguns grupos e Escolas, relativamente ocultas e fechadas por uma questão de defesa contra a intolerância das sociedades e religiões fanatizadas, permitiram que a Tradição fosse preservada e continuamente transmitida àqueles que, por sintonia, as encontravam e penetravam.

A necessidade de segurança, de autodefesa, ditou comportamentos e disciplinas difíceis que, aliás, corresponderam naturalmente às necessidades de cada época. Por exemplo, estes últimos 2000 anos, correspondentes à maior parte do Ciclo de Peixes, foram também caracterizados pelo predomínio do 6º Raio, cujas energias têm como linha de menor resistência o misticismo, o devocionalismo e o idealismo.

Com a progressiva influência de uma nova energia, que se começou a fazer sentir cada vez mais desde há cerca de 500 anos, a do 7º Raio, da Organização, da Magia Cerimonial ou Ritual, também se tornou necessário adaptar as antigas Escolas ou criar outras novas que permitissem aos aspirantes e discípulos manter o estudo da Tradição e, ao mesmo tempo, desenvolver uma nova série de práticas espirituais e ensinamentos actualizados à luz das novas realidades do planeta e dos objectivos imediatos dos Mestres de Sabedoria.

Acrescem à importante mudança da alteração progressiva da influência do 6º para o 7º Raio, que se fará sentir plenamente no início do próximo milénio, duas outras alterações cíclicas: a já referida **mudança da influência astrológica de Peixes para Aquarius** e **o fim de uma Idade de Ferro**, também conhecida como Idade Negra ou Kali-Yuga, **iniciando uma nova Idade de Ouro**. Ciclicamente, as Idades de Ouro deixaram no inconsciente colectivo e nos mitos a ideia de que neste planeta, em tempos remotos, existiu um paraíso onde o sofrimento era desconhecido e a divindade comunicava directamente com os Homens.

Com estas alterações, novas energias cósmicas, sistémicas e planetárias vão-se fazendo e far-se-ão sentir, cada vez mais, o que implica uma mudança profunda no processo evolutivo da Humanidade. Todas as tradições apontam para este importante ponto charneira da vida do planeta e, por conseguinte, de todos os seres que nele vivem, isto é, de todos os seres de todos os reinos da natureza.

Uma mudança destas implica, segundo os textos tradicionais, momentos críticos em que, naturalmente, muito sofrimento acontece devido ao apego do Homem por si próprio e pelos bens materiais que possui.

Nestes fins de ciclo surge sempre uma elevada entidade espiritual que avatiza entre os Homens a fim de os ajudar, de os orientar, de os salvar. Quando as Forças Negras, as forças da involução, do materialismo, parecem estar a vencer, nesses momentos de crise surge, para quem for capaz de o reconhecer, um grande Ser, respondendo ao chamamento dos que mantêm viva a esperança, e constitui com os seus discípulos mais chegados uma nova visão da Sabedoria adaptada à realidade e necessidades do momento, ajudando cada um a ultrapassar as crises e a encetar mais um degrau da escada ascendente da evolução. São por demais conhecidos muitos destes grandes Seres, dos quais referiremos o Buda no oriente e o Cristo no ocidente.

Ora, num período de maiores mudanças cíclicas, de dolorosa crise, só um altíssimo Avatara poderia corresponder ao chamado da Humanidade. Há cerca de dois mil anos surgiu Jesus e, através dele, esse elevado Ser que conhecemos como o Cristo, dando origem a uma nova era, a Era Cristã, ou seja, a Era de Peixes que agora está a terminar.

Cristo foi condenado, então, por aqueles que queria ajudar e chegaram, inclusive, ao ponto de o matar. Profetizou que viria de novo e, se não sabemos o dia e a hora, tudo converge no sentido de que será neste período de transição. Os seus apoiantes serão os Mestres, os iniciados e todos os que aspiram à sua vinda e ajuda.

Desde há séculos muitos trabalham de diversas formas para este grande evento. Abnegadamente, alguns Mestres e seus discípulos, estes, com ou sem consciência objectiva do facto, colaboram com Cristo e preparam as condições para a sua vinda. Essas condições implicam um desenvolvimento espiritual mínimo da Humanidade, com as consequentes transformações e preparação para uma nova fase de existência no planeta.

É neste aspecto que as Escolas esotéricas ou ocultistas têm o seu papel. Muito particularmente as aquarianas, ou seja, as que são completamente regidas pelos novos princípios, em sintonia com as novas energias e detentoras de conhecimentos adequados para o trabalho futuro, numa linha iniciática.

Desde o aparecimento dos livros de Helena Petrovna Blavatsky, no final do século passado, e consequente nascimento da Sociedade Teosófica Mundial, claramente constituída com base em novos ideais, foram surgindo outras novas Escolas e grupos. Não tendo aqui interesse fazer a história da evolução do espiritualismo moderno, das numerosas correntes filosóficas surgidas, orientalistas ou de proveniência ocidental, importa, no entanto, referir o seguinte: no mundo da espiritualidade (*usamos esta expressão apesar de claramente inadequada, por que parece de mais directa compreensão*), cada grupo espiritualista vale, fundamentalmente, em termos qualitativos, pelo que será tanto mais importante quanto maior for a qualidade e o esforço desinteressado dos seus componentes. A Hierarquia dos Mestres canaliza as energias para os grupos que mais serviço prestam e, consequentemente, mais luz emitem, independentemente do número de componentes e das suas personalidades particulares.

O objectivo é a realização do Plano Divino, não a evolução particular de esta ou aquela alma, e o principal meio é o serviço desinteressado à Humanidade.

Pelo que foi dito, os grupos, independentemente de terem muitos ou poucos membros, mesmo bem intencionados, mas que estejam apenas centralizados no desenvolvimento pessoal, no aprimoramento das personalidades, têm, tanto quanto é dito pelos Mestres, menos ou nenhum apoio superior. O individualismo é uma das características herdadas do ciclo anterior e a ser ultrapassado na Nova Era. O trabalho individual é, na verdade, tarefa importante, mas muito menos importante para o colectivo se praticado de forma egocentrada, fechada e inconsciente do restante trabalho dirigido à evolução da Humanidade.

Pode-se servir de muitas formas, mesmo não estando filiado num grupo espiritualista, pois numerosas são as frentes desta batalha pela luz, mas dificilmente um soldado isolado e descoordenado poderá fazer alterar o curso da guerra.

Um trabalho em grupo, confluindo para o grupo maior que é a Humanidade, trabalho empenhado, realizado de forma positiva, amorosa, altruísta e organizada, constitui a linha de menor resistência na actualidade e no futuro.



Sete são os tipos de energia que caracterizam o nosso universo. Doze são os signos do zodíaco que influenciam cada personalidade, cada grupo, cada nação, etc. Encontramos nesta diversidade a principal razão de existirem vários grupos e Escolas adaptados a diferentes tipos de aspirantes e discípulos, cada uma melhor apetrechada para certas missões específicas.

É naturalmente sobre a Escola da Eubiose que nos vamos debruçar em seguida, caracterizando a sua especificidade, apesar de estar inserida na globalidade dos grupos que trabalham para a Nova Era.

O Mestre da Eubiose, com o nome profano de Henrique José de Sousa, nasce, na face da terra, no último quarto do século passado (*15 de Setembro de 1883*). Ainda muito jovem, com 16 anos, recebe a sua iniciação e conseqüente missão no oriente. A sua missão e do grupo que com ele trabalha há milénios, a sua família espiritual, prende-se particularmente com um trabalho específico ligado a certa Hierarquia conhecida como a dos Senhores Kumaras e tem duas frentes que, na verdade, concorrem para o mesmo fim, ou seja, a evolução espiritual do próprio Planeta.

O trabalho imediato, esotérico, foi o de preparar certas condições para o nascimento de Maitreya. Sabemos de há muito, dito pela própria boca do Mestre, que foi bem sucedido. A outra frente, com um objectivo ainda distante, prende-se com a preparação do avento das 6ª e 7ª sub-raças, que se desenvolverão de forma quase simultânea no continente Sul-Americano. Essa missão é por nós conhecida como a “Missão Y” e está ligada a um mistério, o do trabalho dos Gémeos Espirituais.

No plano externo, o Mestre funda, no ano de 1924, a organização brasileira a que dá o nome de “Dhâranâ, Sociedade Mental Espiritualista”.

Nessa época, o combate da ignorância através do apontar das suas causas, a divulgação das questões espirituais, da sua Ciência ou Sabedoria Divina, ignorada pela ciência académica, e o divulgar das grandes mudanças que se avizinhavam constituíram, desde logo, as tarefas empreendidas por este primeiro grupo da Eubiose. O interesse pela fenomenologia era preponderante, constituindo o processo que, já desde o século passado, tinha possibilitado o combate ao materialismo crescente, por um lado, e a constituição de alternativas às religiões e dogmas dominantes, por outro.

O termo Eubiose, que significa a “vivência do Bem, do Belo e do Bom”, serve como definição de uma nova forma de compreender a vida, tal como o Mestre preconizava, com um novo enfoque sobre a procura da harmonia, através de um correcto posicionamento, quer sobre as questões iniciáticas do estudo da Tradição, quer também no trazer para a vida quotidiana, em cada momento, o equilíbrio conseguido pelo resultado de um justo processo de compreensão interior e espiritual de todos os fenómenos da vida.

Os fanatismos, os extremismos tão correntes no passado e mesmo no presente, podemos encontrá-los também em grupos ditos espiritualistas, e levam invariavelmente a fixações, comportamentos rígidos, desajustados e por vezes violentos, pois continuam a ser utilizados como forma de reacção às novas energias e processos evolutivos. Ideias erradas, ou melhor, ideias praticadas de forma errada, constituem frequentemente prisões, causas de rigidez mental e emocional e mesmo de sofrimento desnecessário. São, no fundo, a dificuldade em se libertarem das antigas formas piscianas e o processo de as tentarem, em desespero, manter.

Deste primeiro grupo da Eubiose, nascido no Brasil, passamos para a Comunidade Portuguesa de Eubiose, continuadora, em Portugal, do Instituto Henrique de Sagres, nascido no Porto em 1966, dez anos após alguns Irmãos portugueses tomarem contacto com a instituição brasileira e com o Mestre. Desde há 19 anos (1972) que a Escola se encontra junto à Serra de Sintra e, portanto, junto a um dos grandes centros energéticos principais ou chakras mundiais, junto à Ordem invisível que aí trabalha e está na base da nossa actividade.

São três os seus principais objectivos:

1. O desenvolvimento de um trabalho específico para a vinda do Buda Maitreya, o Cristo de Aquarius;
2. A divulgação da realidade dos Mundos Subterrâneos, dos seus habitantes intra e extra-terrestres;
3. A divulgação da Sinarquia, forma superior de organização social e política, cujo modelo será implantado na Nova Era.

Tendo em vista estes objectivos, e para que o trabalho seja o mais profícuo possível, torna-se obrigatória uma cuidada preparação pessoal e grupal. Desta forma, a Escola da Eubiose consagrou, como primeiro meio específico expresso nos seus estatutos, o «desenvolver das tendências, atributos e virtualidades superiores, latentes no homem, de acordo com a tónica de Aquarius e a sua biorrímica».

Compreender, ou melhor, intuir o que significa Aquarius, quais as mudanças individuais e sociais que ocorrerão, implica conhecer a História do nosso Sistema Solar, do Planeta, da Humanidade e de outras Hierarquias que, tal como nós, se desenvolvem e aqui evoluem; saber quais os desígnios dos Manus, esses grandes guias que estabelecem as metas a alcançar pela humanidade em cada raça, dentro do grande Plano; perceber qual o actual estado evolutivo do Homem, quais as metas futuras das próximas sub-raças e raças.

Através de um conhecimento sistematizado poderemos compreender, mais facilmente, estas e outras grandes questões tão importantes para um correcto equacionamento das nossas próprias metas individuais e grupais. Não nos podemos, no entanto, iludir. O conhecimento, através de leitura, conversa e trabalho mental não nos leva por si só à sabedoria. Esta só é alcançada através da experiência, da vivência, quer exterior, quer interior. No entanto, esse conhecimento é indispensável para uma melhor compreensão de aspectos mais complexos da vida, os quais se prendem à parte ainda desconhecida dos Homens e do Universo.

A própria história, tal como é estudada actualmente pelos académicos, pouco ajuda à compreensão do verdadeiro sentido espiritual da existência de uma Nação, entendida como um único corpo colectivo de uma alta individualidade, por sua vez expressa pelo seu arcanjo guardião. Portugal, como qualquer outra Nação, tem uma história oculta, um desígnio invisível, mas poderoso, que levou a que este povo se desenvolvesse neste local e, depois, se expandisse por todo o planeta, pelos cinco continentes, em particular, pela América do Sul, local geográfico que foi berço de civilizações passadas e a que está destinado um preponderante papel no futuro, pois como ensinou o nosso Mestre, é de lá que neste momento irradia e vai irradiar o principal centro energético da Nova Era.

Na Eubiose, estudo e prática interpenetram-se e complementam-se. Ambos são a base de uma actividade que se quer consciente e esclarecida, sem dogmas, sem mistérios que não os iniciáticos, pois esses só serão desvelados por quem for capaz de o fazer por si próprio. O conhecimento e compreensão, a liberdade individual, são novas formas aquarianas de realização. Nesse aspecto a doutrina eubiótica apresenta-se como uma nova revelação, ou seja, como uma nova forma de compreender a Tradição e a Nova Era.

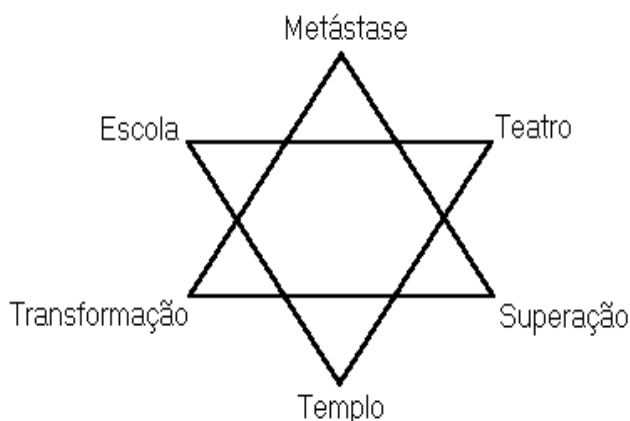
O processo de desenvolvimento no seio da Escola baseia-se em dois níveis de realização complementares:

– Um nível individual, que se constitui como um triângulo de realização, cujos vértices marcam as etapas que o discípulo percorre, até “alcançar”, até estabelecer um elo com o seu Eu Superior, a sua Alma Espiritual. São essas etapas denominadas: Transformação, Superação e Metástase.

Transformação, da personalidade, através do conhecimento, ou se preferirmos, do reconhecimento de si próprio, das características pessoais e dos seus defeitos e virtudes, resultado de um longo processo cármico, difícil de ser compreendido pela personalidade. Sem que este conhecimento, sem que esta tomada de consciência seja efectuada, não se poderá, na verdade, ultrapassar o chamado Guardião do Umbral. Transformação pressupõe uma mudança para uma nova atitude perante a vida, os outros e nós próprios.

Superação, de todos os bloqueios e aspectos da personalidade impeditivos de um alinhamento com o Eu Superior, o Anjo Solar que existe nos planos abstractos. Esta difícil fase do caminho pressupõe crescente domínio, purificação e equilíbrio dos três corpos da personalidade por parte do discípulo e uma reorientação no sentido de intuir e realizar os desígnios do Eu Superior.

Metástase, identificação ou alinhamento entre a personalidade equilibrada e a individualidade. Quando alcançada, momentânea ou permanentemente, a nossa personalidade reflecte intuitivamente os propósitos espirituais e permite uma muito maior capacidade de servir. É esta identificação que caracteriza os Mestres e altos Iniciados. É a realização da unidade consciente no plano da Alma com todas as outras Almas.



Um outro nível de trabalho, este grupal, constitui-se também numa base de realização trina de manifestação, cujos vértices ou frentes de serviço são a Escola, o Teatro e o Templo.

A **Escola** é, como facilmente se deduz, o vértice onde os discípulos desenvolvem o estudo das verdades básicas da Ciência ou Sabedoria Divina. De uma forma escalonada, os estudantes vão progredindo em diversas matérias, teóricas e práticas, que os ajudarão a compreenderem-se melhor a si próprios e ao mundo que os rodeia. De ressaltar que, em virtude das dificuldades da vida quotidiana, a falta de tempo e eventuais limitações pessoais, cada estudante pode realizar esse estudo, se o desejar, em casa, mesmo de uma forma isolada. O estudo e realização de práticas espirituais em conjunto, quando possível, é no entanto, encorajado.

Mas trabalhar em grupo não pressupõe obrigatoriamente presença física, pois é a comunhão de propósitos e a ligação à egrégora grupal, em sintonia com a mesma tónica, que é importante. Foi a pensar nesses irmãos e irmãs que não podem, por razões pessoais, ter disponibilidade para se deslocarem à sede ou aos locais onde se realizam actividades no exterior que, desde há muitos anos, a Eubiose ensina a preparar um Sanctum privado para o estudo e prática dos ensinamentos. Desta forma percorre o estudante o seu caminho. Os ensinamentos básicos são ministrados na Câmara Externa e os outros níveis de estudo, sobretudo os aspectos mais específicos da doutrina, só são ensinados e praticados na Câmara Interna, onde trabalha o Colégio Iniciático. Isto é assim, não porque os ensinamentos tenham que estar forçosamente ocultos. Hoje, quase tudo pode ser dado. No entanto, só após uma preparação inicial é possível compreender devidamente os ensinamentos mais internos.

O **Teatro** é uma vertente de grande importância. Pressupõe a compreensão do papel que cada actor, cada personalidade desempenha no Teatro da Vida. A Alma, revestida de uma máscara que traduz o resultado de uma multiplicidade de vidas, teatraliza um determinado papel e recolhe daí a energia sintética da consciência. O teatro é, naturalmente, uma actividade grupal, embora cada actor desempenhe o seu próprio

papel. Não deve, no entanto, fazê-lo desconectado, desarticulado dos outros, pois não passaria de um monólogo, qual ermita longe da civilização. Hoje, a grande oportunidade do discípulo é poder vencer as adversidades da vida, mantendo a consciência de si próprio como alma, naquilo que chamamos de iniciação dinâmica.

O **Templo** é o vértice principal do triângulo grupal e constitui uma forma particular de serviço, em sintonia total com as novas energias e, em particular, com a energia do 7º Raio. Este trabalho, que vem sendo realizado desde há muitos anos, porventura único no género neste país, é um trabalho invisível para o exterior, mas cumpre o objectivo fundamental de impregnar a substância dos planos mais densos com vibrações de nova qualidade, de forma a atrair ainda mais energias aquarianas. É um trabalho colectivo, em que participam e colaboram outras Hierarquias, nomeadamente as dévicas. Como é facilmente compreensível, o trabalho templário cerimonial é, e será, uma importante linha de serviço, característica da Nova Era.

Sendo a Eubiose uma Escola do 7º Raio, não quer isto dizer que outros grupos e Escolas, trabalhando noutros Raios, não possam ser aquarianos. Em Aquarius, como sempre, manifestar-se-ão outros Raios e, portanto, muitas outras linhas de serviço vão-se desenvolver agora, de uma forma consciente, em unidade e colaboração intergrupais, linhas essas qualificadas de uma nova forma sob a influência sintética do 7º Raio.

Vamos concluir esta breve intervenção citando dois dos lemas da Eubiose que norteiam o nosso caminho na senda, o da Eubiose Universal e o da Comunidade Portuguesa de Eubiose, respectivamente:

SPES MESSES IN SEMINE

“A esperança da colheita reside na semente”; e

UT YOANNIS PATRIS REGNUM PETATUR

que significa “Em demanda do Reino do Pai ou Prestes João”

Manuel Garrido

(Membro da Comunidade Portuguesa de Eubiose)

A SINARQUIA EUBIÓTICA

E O AVATARA DE AQUARIUS

Embora não se saiba ainda muito bem o que tal significa, o contexto em que a nossa sociedade tem evoluído nos últimos séculos tem sido apelidado de Civilização Ocidental e Cristã. É compreensível. Enquanto estrutura social e política, os parâmetros que têm enquadrado o nosso desenvolvimento colectivo articularam-se em torno dos ensinamentos e da mensagem de Jesus, o Cristo, que até nós chegaram através dos Evangelhos, com o beneplácito e interpretação da Igreja de Roma.

Os Discípulos Espirituais ligados às obras propiciadoras do Novo Pramantha, independentemente da tónica sobre a qual trabalham, têm sido sempre – em maior ou menor grau – condicionados pelo tipo de cultura civilizacional particular em que se inserem. O que é também compreensível.

A Idade de Aquarius – com a sua tónica específica – implica o primado da realização espiritual através do trabalho grupal. E como tal, o Discípulo deve evoluir e expressar todas as suas potencialidades através dos diferentes grupos em que se insere. Daí que a sociedade, como um todo, exerça sobre ele um conjunto de condicionamentos que o forcem – por vezes contra sua vontade – a encarar o mundo de uma forma distorcida. Esta visão é fruto de séculos de uma rígida disciplina social, de base religiosa, com os seus dogmas e os seus tabus. Muitos deles sem a mínima fundamentação documental ou factual mas, pura e simplesmente, fruto da interpretação ou da imposição da opinião de alguns poucos sobre a Humanidade em geral. Compete aos Discípulos transformar o panorama actual lançando alguma luz sobre estas questões.

Vejamos um exemplo particular. É conhecida dos textos bíblicos a referência “A César o que é de César, a Deus o que é de Deus”. Durante séculos esta expressão tem sido entendida no sentido de que o Discípulo não deve preocupar-se com questões de ordem mundana – do tipo social ou político – mas antes voltar a sua atenção para as questões espirituais. A difusão no Ocidente das filosofias religiosas Orientais veio agravar esta situação, na medida em que delas apenas se evidenciou a característica individual do trabalho de tónica Pisciana. Era a época dos grandes

Santos, dos grandes Yoguis, dos Ascetas, que, pela via da renúncia às coisas mundanas e do isolamento físico, procuravam alcançar a realização espiritual.

A crescente complexidade e dinamismo do mundo contemporâneo, com as suas permanentes mutações, provocaram nos Discípulos uma curiosa reacção de “fuga para a frente”. Isto é, quando se previa que eles vivessem e se integrassem plenamente no seio da Humanidade para darem uma resposta global, de tipo espiritual, a todos os seus problemas, eis que um fenómeno inverso se processa. Há um retraimento, um medo crescente de assumir determinados compromissos que implicam uma tomada firme de posição relativamente a certos aspectos de índole social. Há um distanciamento de certas questões e, o que é mais grave, muitos dos Discípulos pensam que agem correctamente: “A César o que é de César a Deus o que é de Deus”.

No entanto, quando se faz uma exegese profunda dos textos bíblicos, são evidentes um conjunto de preocupações de ordem social (porque não dizer política) para as quais Jesus, o Cristo, procurou indicar soluções – fundamentadas num entendimento espiritual elevado – evidentemente adaptadas ao seu tempo e para as quais sugere soluções por vezes radicais. Pois não foi Ele que expulsou a chicote os vendilhões do Templo? E quando a guarda Romana o vai prender ao jardim de Getsemani não é Pedro o primeiro a defendê-lo, desembainhando a sua espada e cortando lesto uma orelha a um dos guardas pretorianos? Estranha perícia esta a de um Discípulo que, segundo consta, estava inteiramente votado às questões de ordem espiritual.

Quando, hoje em dia, muitos Discípulos são questionados sobre problemas do nosso tempo, a sequência de respostas é quase sempre a mesma. O Discípulo tosse um pouco, gagueja ainda mais e inicia um discurso que se vai revelando perfeitamente incongruente, quase que alienígena, e que, invariavelmente termina, com algo do estilo: “O Universo inteiro é Paz e Amor” ou “Das profundezas do Espaço a energia Cósmica descerá sobre nós”, o que, não deixando de ser verdade, de pouco ou nada serve para aqueles que, junto de nós, buscam uma orientação espiritual para aspectos bem concretos da sua existência.

Colocado perante questões como:

- O que pensa do fim do Comunismo na União Soviética?;
- O que é para si uma política educativa espiritualmente positiva?;
- Como poderemos resolver o conflito entre o Capital e o Trabalho?;
- O que pensa do aborto? E da homossexualidade?;

a reacção do Discípulo é sempre de fuga e de autodefesa, sinais evidentes de que há aspectos do seu conhecimento iniciático que ainda não se encontram suficientemente elaborados.

É a esta situação que urge pôr fim, é sobre estes problemas que se torna necessário lançar alguma luz.

Quando há largos anos atrás, no Congresso das Religiões em Chicago, se estudava o estabelecimento de novas confissões religiosas no Continente Indiano, Sri Ramanamaharshi tem esta frase lapidar: “Nós na Índia não precisamos de mais religiões, precisamos é de pão para comer”.

Contudo, a evolução da compreensão dos Discípulos sobre estas questões é, também ela, um processo dinâmico sabiamente orientado pela Hierarquia de Mestres. Em finais do século passado e princípios do actual começam a surgir os primeiros textos de cariz iniciático e oculto em que se fala da Sinarquia.

É Saint-Yves d'Alveydre o criador desse termo, que designa a forma de governo ideal que se ajusta perfeitamente ao homem como ser eminentemente espiritual e que faz partir dessa raiz os vectores que deverão estruturar a sociedade humana nos seus múltiplos aspectos.

Os contactos de Saint-Yves com as filosofias de raiz oriental permitiram-lhe chegar ao conhecimento dessa forma arquetípica de governo. Para compreendermos profundamente o que é a Sinarquia vamos socorrer-nos de um excerto do opúsculo “O que é a Eubiose”.

“Encontramo-nos pois num mundo de instituições anárquicas cuja característica fundamental reside na sobreposição existente entre Autoridade e Poder. Definamos com precisão e clareza estes dois princípios. A Autoridade é correlata da estatura espiritual, está na razão directa da Sabedoria, é tacitamente outorgada pela comunidade dos cidadãos àqueles que conseguiram vivenciar o Saber, transformando-o em Conhecimento, em Iluminação. O Poder, por outro lado, surge associado às características específicas da Personalidade e resulta do consenso estabelecido sobre as aptidões naturais de cada um, decorre única e simplesmente da capacidade de levar a cabo determinada tarefa.

Sendo correlata da Sabedoria, a Autoridade está ligada ao Ensino e, aos que a detêm, compete traçar linhas gerais, vectores de orientação que, á luz da Sabedoria Divina, conduzam às mais elevadas realizações. Ao Poder e aos seus órgãos resta um papel sumamente importante: o de levar á prática tudo isto, aplicando no concreto, e face às características objectivas do momento, os princípios dimanados da Autoridade.

Em Sinarquia, Poder e Autoridade surgem pois completamente dissociados; detêm-nos órgãos distintos. E é nisto, neste aspecto tão simples, que reside o segredo de uma sociedade perfeita.

Uma questão se coloca: Por que não se institui um Partido Sinárquico? A resposta é extremamente simples. Não se institui um Partido Sinárquico, tal como não se institui a Sinarquia, pela simples razão de que não sendo o Homem perfeito, a instauração de um regime baseado no princípio da Autoridade – como o definimos há pouco – seria um abuso do Poder. O advento da Sinarquia será um acontecimento que decorrerá naturalmente da sua evolução espiritual, da capacidade que ele irá descobrir de reconhecer naturalmente em si e nos outros as suas capacidades naturais e a sua estatura espiritual.”

Torna-se assim evidente que a relutância manifestada por muitos na abordagem dos problemas de índole social e política não tem, do ponto de vista iniciático, o mínimo fundamento. O Homem é um ser pluridimensional cuja complexidade não pode ser reduzida, nem às questões de ordem puramente material, nem – ao contrário do que muitos pensam – às questões de ordem puramente espiritual.

A atitude justa não é separar mas integrar, não é valorizar nenhuma das partes mas procurar o ponto de equilíbrio entre elas, através do qual se possa alcançar a visão unificadora do Homem como ser multifacetado. E esta visão, dizendo respeito

não só a si próprio – enquanto ser individualizado – mas também nas relações que estabelece com os outros, enquanto ser eminentemente social.

Mas o que deve de facto ser novo na abordagem destas questões não é aquilo que deve ser visto, mas sim a maneira como deve ser visto. E esse modo novo e distinto de todos os outros só o pode dar a Sabedoria Tradicional com a sua visão unificadora.

Como é do conhecimento de todos, a Hierarquia de Mestres reúne periodicamente em conclave para analisar o grau de evolução da Humanidade, tendo em vista o Plano que se desenvolve sobre a Terra. Nesses conclaves são tomadas, sempre, um conjunto de decisões com o fim de coadunar essa mesma evolução às necessidades do Plano. Um dos mais importantes decorreu na segunda metade do século XIX. Aí foram tomadas importantes decisões, muitas das quais relacionadas com a evolução política e social da grande família humana.

O aparente falhanço da missão de Napoleão Bonaparte em criar uma Grande Casa Comum Europeia – como curiosamente lhe chama hoje Mikhail Gorbatchov – apesar do compromisso solene assumido no Egipto perante a Confraria de Khableb, conduziu a Hierarquia ao estabelecimento de um vector de evolução que passava pela substituição dos regimes de tipo absolutista pelos de cariz democrático republicano. Este passo constituía apenas mais uma etapa no sentido da descoberta de formas de governo mais justas e mais fraternas, face ao esgotamento das potencialidades e desvios operados em anteriores períodos históricos.

Surgem assim os primeiros partidos republicanos e um grande período de agitação social perpassa todo o mundo, especialmente a Europa, atingindo o seu auge com a Revolução Russa que – contrariamente ao que muitos pensam, até alguns estudantes das coisas ocultas – foi resultado directo da intervenção da Grande Loja Branca. A este assunto haveremos de voltar de novo.

Paralelamente, outras decisões foram tomadas. Talvez a mais conhecida tenha sido a de permitir e incentivar a difusão pública da Sabedoria Tradicional. Surge assim essa grande Discípula que foi Helena Petrovna Blavatsky, fundadora da Sociedade Teosófica, e várias Escolas Iniciáticas – entre as quais a Eubiose – iniciam o seu desenvolvimento. O seu objectivo consistia em facultarem ao Homem as diferentes linhas de evolução espiritual que lhe permitissem a realização do Divino Triângulo humano, que os Eubiotas denominam Transformação - Superação - Metástase, as divinas Bodas Alquímicas entre o Eu Superior e o Inferior, a manifestação da Alma através da Personalidade Integrada.

Outra das decisões relacionava-se com o vector social e político que atrás referimos. Em simultâneo com as transformações sociais operadas foi entendido, como oportuno, permitir à Humanidade que pudesse perspectivar com mais acerto essa evolução, através da descoberta do conceito de Sinarquia. Os objectivos definidos pela Hierarquia para a nossa evolução colectiva assumiam assim uma dimensão global, pois já nesse momento se tornava previsível que o desenvolvimento da sociedade humana, nos seus múltiplos aspectos, pudesse conduzir a soluções de continuidade que tocassem profundamente o “status quo” vigente em todos os planos da nossa vivência comum. Aí, o conceito de Sinarquia poderia agir como farol de referência que permitisse aos Discípulos posicionarem-se com correcção face às profundas mutações sociais que iriam decorrer durante todo o século XX, cujo desfecho se poderia prever doloroso, em termos da já referida solução de continuidade.

Uma questão que aflora de imediato á mente do Discípulo é a seguinte: “Por que razão a Hierarquia decide introduzir, quase que em simultâneo, um conjunto tão grande de variáveis no nosso universo oculto de evolução?”. Sim, dizemos tão grande, porque desde aí até aos nossos dias muitas outras decisões foram tomadas. Entre elas a de, pela primeira vez, revelar ao mundo profano a realidade dos Mundos Subterrâneos, tarefa esta para a qual a Eubiose e os Discípulos Eubiotas foram escolhidos.

A resposta àquela questão é já conhecida de muitos através dos escritos dos Mestres. A Terra, enquanto Ser Cósmico vivo, de uma grandeza imensa, prepara-se para atravessar um dos mais importantes momentos da sua evolução. Dentro de poucos anos, em consonância com o Logos Solar e o Sol Central do 8º Sistema, ao nosso Logos Planetário será conferida uma Iniciação Cósmica de elevado grau. Tal facto terá de implicar uma transformação total, absoluta e radical de toda a Vida na Terra, no sentido de uma maior integração dos aspectos formais da nossa vivência, relativamente a parâmetros elevados de qualidade espiritual. Pena é que – ao que tudo indica – essa transformação não se possa operar sem descontinuidades, porventura mais ou menos dolorosas e difíceis para todos nós.

Os Textos Tradicionais de todos os quadrantes anunciam, para o início do ciclo de Aquarius, a vinda de um Ser de grande estatura espiritual que guiará a Humanidade na reconstrução de um Novo Mundo. O seu símbolo, lembramos, é o Cavalo Branco, constante da iconografia universal. É o Senhor Maitreya da Tradição Tibetana. É o Desejado da Tradição Portuguesa, que Fernando Pessoa tão bem caracteriza em muitos dos seus escritos.

Mas, como vimos, este acontecimento surge encadeado a outros, com os quais forma uma unidade coerente que irá marcar o nosso futuro próximo.

A transição para um novo ciclo de evolução humana – pouco importa agora como ela se dará – implica pois a concatenação de um conjunto importante de factores. O primeiro deles diz respeito ao salto qualitativo que a humanidade dará em termos de percepção espiritual, conferindo-lhe assim a capacidade superior de poder “ver” e reconhecer em si e nos outros a sua estatura espiritual e as suas qualidades inatas. Isto permitirá que aquele conjunto de seres conhecidos como a Hierarquia de Mestres se possa exteriorizar e estabelecer visivelmente no seio da família humana. Fenómeno este para o qual a Eubiose possui, como todos conhecem, uma resposta peculiar.

Uma estrutura social nova será então possível através da constituição de estruturas governativas mundiais unificadas cada vez mais próximas do modelo Sinárquico. Contudo, dadas as suas características, o modelo Sinárquico não pode ser concebido sem uma Religião Unificada e sem um modelo pedagógico-educacional completos e coerentes.

Mas o grande factor aglutinador é, de facto, aquilo a que chamamos a vinda do Senhor Maitreya. Na verdade o seu aparecimento dar-se-á, não só como resposta aos anseios da Humanidade, mas também para, através da sua acção, ligar de forma coerente todos os aspectos da nossa evolução futura; do religioso ao político. Ele será não só o Hierofante Supremo, o Cristo de Aquarius – que nos conduzirá ao estabelecimento de justas e fraternas relações humanas – mas também uma personificação, uma extensão daquele Ser a que chamamos o Rei do Mundo, conduzindo a nossa evolução colectiva nos planos social e político. Será

aquele a que a Tradição Portuguesa denomina o Monarca Universal, o Encoberto, que todos esperamos para firmar os alicerces do Quinto Império que, contrariamente ao que alguns pensam e outros desejam, não será um Império puramente material mas espiritual. Depois de superados os quatro planos da Personalidade é a integração no quinto, o plano da expressão do Ego, da Alma. Daí o falar-se no V Império como reino da Alma.

Mas todo este processo interessa e envolve os Discípulos de Aquarius. Só a eles cabe, através das suas atitudes e dos seus pensamentos, criar as condições objectivas e subjectivas para a vinda do Senhor Maitreya. Essas condições, como vimos, têm forçosamente de dizer respeito a todos os aspectos da vida humana incluindo, claro está, o social e o político, por todas as razões já atrás apontadas.

Percamos pois a esperança de tornearmos estas questões, pois não é possível sem a sua abordagem, também, ter uma visão global do que há a fazer. Mas esta visão deverá estar centrada em princípios novos, que a Sabedoria Tradicional nos transmitiu através do conceito de Sinarquia. Deveremos afastar todos os preconceitos, todos os tabus, todas as superstições – porque também as há em política e não poucas – e começar a criar algo de verdadeiramente novo. Como diria Fernando Pessoa: “Julgo inútil e mesquinha a cura escrupulosa de seguir as tradições, o Portugal das descobertas não seguiu tradição nenhuma. Criou-se.”

Contudo, há algo neste momento que nos pode parecer um contra-senso. Por um lado, fizemos notar atrás que não se institui a Sinarquia porque não atingimos ainda determinado status na nossa evolução e, por outro, pretendemos desde já teorizar e lançar as bases de uma nova prática social e política de acordo com esses princípios. Desfaçamos então esta aparente contradição.

Para se compreender a história do desenvolvimento da sociedade humana, tal como a conhecemos nos tempos históricos, é fundamental possuir dois pontos de referência: o conhecimento da doutrina das Castas e o da doutrina das Yugas. Ambas têm a sua origem nos textos tradicionais Hindus e chegaram até nós através dos escritos de consagrados ocultistas e teósofos, entre os quais Blavatsky, Annie Besant ou Alice Bailey.

Apesar desses escritos, o conceito de casta está nos nossos dias totalmente deturpado. Na sua origem pré-diluviana, Atlante, o conceito de casta relacionava-se, não com a posição social do indivíduo, mas sim com o nível e qualidade do seu estatuto espiritual. Os remanescentes dos povos Atlantes, que deram origem à 5ª Grande Raça Mãe, transportaram consigo esse conhecimento. Contudo, ao pretenderem aplicá-lo às sociedades embrionárias pós-diluvianas, foram confrontados com uma impossibilidade prática. Gradativamente tinham sido perdidas certas capacidades de focalizar a consciência noutros Planos da Natureza e, portanto, não era já possível reconhecer directamente o nível espiritual dos indivíduos. No entanto, como se desejava preservar uma estrutura que tinha funcionado no passado, ela foi mantida.

Claro está que essa incapacidade motivou que o posicionamento dos indivíduos nas castas fosse originado por características de personalidade e não por factores espirituais. Aquilo que definia a casta, e que era uma qualificação espiritual específica, passa a ser fruto dos factores mais aberrantes; da família em que se nasceu, do meio social em que se vivia, dos bens que se possuíam ou dos bens que se iam possuindo. Surgem assim para as Castas designações que só fazem sentido

se tivermos em conta tudo o que acabámos de expor; os Brahmanes-Sacerdotes, os Kshastryas-Guerreiros, os Vaysias-Mercadores e os Sudras-Servidores.

Ora, uma parte da doutrina das Castas estabelece curiosamente que, em cada fase do desenvolvimento histórico, o poder político deve girar através das Castas pela ordem que referimos atrás. E mais. O tempo de duração do poder exercido por cada uma delas está relacionado com o tempo de duração das quatro Yugas ou Idades, em que se divide o nosso desenvolvimento civilizacional; a Satya-Yuga (Idade de Ouro), a Dwapara-Yuga (Idade de Prata), a Tretra-Yuga (Idade de Bronze) e a Kali-Yuga (Idade de Ferro). Esta relação temporal aparece expressa através da Tetraktis Pitagórica na sequência 4-3-2-1. Isto é, conforme caminhamos ao longo da sequência do exercício do poder pelas diferentes Castas existe uma aceleração do processo de desenvolvimento histórico.

Há milhares de anos os Sacerdotes Egípcios exerciam efectivamente o poder, tendo como expressão máxima o Faraó, representante de Athon, o Deus-Sol. Depois, o poder passa progressivamente para os Guerreiros, os Monarcas que se estabelecem e alargam os seus domínios, pela força das armas, em toda a Europa.

O aparecimento dos burgos á sombra protectora dos castelos medievais e a erupção da gesta Henriquina dos Descobrimentos, com o conseqüente desenvolvimento das trocas comerciais, faz derivar o fulcro do poder político para a esfera do económico, com o aparecimento da burguesia, dos Mercadores.

A crescente complexidade do nosso desenvolvimento civilizacional – em especial nos níveis da indústria, da ciência e da tecnologia – motiva a necessidade da proliferação de uma camada social trabalhadora, operária e camponesa. O poder económico, que nos seus estágios iniciais se baseou, de uma forma positiva, na livre circulação do capital, passa a estar centrado na acumulação do capital. E esta acumulação só se processou pela desvalorização da força do trabalho face ao capital que essa força representava. Estavam assim lançadas as bases para a revolta dos Sudras, dos Servidores, que haveriam de tomar a condução do poder político – por imperativo cíclico – no fim da Kali-Yuga.

Se os Sudras tomaram efectivamente o poder é discutível, mas o que é certo é que alguém o tomou em seu nome. Esta questão de «exercer o poder em nome de» é aliciante e pode ser extrapolada para qualquer momento histórico, o que faremos em circunstâncias mais oportunas.

Neste sentido, os acontecimentos de Agosto de 1991 na União Soviética assumem, aos olhos dos Discípulos Eubiotas, um significado particular e bem preciso. Para quem sabe ler nas entrelinhas do desenvolvimento histórico, o fim dos regimes de tipo Comunista na União Soviética e restantes países de Leste, tem um significado claro: o domínio dos Sudras está a esgotar-se, a Kali-Yuga chega ao seu fim. O fim de ciclo de que tanto temos falado nas últimas décadas é agora, é hoje e está aí.

Parece ter-se iniciado uma época de confusão no pensamento político. É nestes momentos de desnorte e de deriva que os Discípulos Eubiotas devem intervir no sentido de clarificar, de esclarecer, de tentar lançar as bases que permitam á Humanidade compreender o que se passa e preparar o seu desenvolvimento próximo em termos daquilo que será a sociedade Sinárquica do futuro.

Nas Grandes Festas Espirituais das Luas Cheias que decorreram na primeira metade de 1991, a Hierarquia tomou importantes decisões que se prenderam com a manifestação do Avatara de Aquarius, tendo o próprio Senhor Maitreya procedido a uma especial dispensação de energia para toda a Humanidade. Durante essas Festividades a Hierarquia, reunida em conclave, solicitou aos Discípulos de todas as Linhas que interviessem de modo mais eficaz nos domínios sociais e políticos, tendo em vista os valores espirituais que são seu apanágio e os princípios da Sinarquia.

Tal intervenção deveria ser feita tendo em vista dois objectivos;

primeiro: preencher o vazio teórico existente, pela introdução de valores sociais e políticos de tipo espiritual que conduzam á compreensão do que é na realidade a Sinarquia e qual o papel que desempenhará no futuro desenvolvimento da Humanidade;

segundo: preparar as bases daquilo que poderá vir a ser a futura Sociedade Sinárquica, pela constituição de grupos de Discípulos especialmente vocacionados para a intervenção de tipo social e político e que possam, de alguma forma, assegurar a continuidade e transição do poder durante esta fase da nossa evolução que, ao que tudo indica, poderá ser conturbada.

Parece-nos assim estar elucidada a questão que anteriormente colocámos. A Sinarquia, enquanto projecto de sociedade futura, só será efectivamente possível – em toda a sua dimensão – quando estiverem reunidas as condições objectivas e subjectivas a que já nos referimos. No entanto é-nos desde já possível começar a estruturar as grandes linhas de força que presidirão ao seu estabelecimento futuro, de acordo com o Plano da Hierarquia de Mestres e a Vontade do Avatara de Aquarius.

Esta preparação far-se-á, em primeiro lugar, pela divulgação – o mais generalizada possível – dos fundamentos teóricos da estruturação Sinárquica da sociedade humana, nas suas diferentes vertentes. Pensamos que esta primeira fase do trabalho a realizar não será efectivamente difícil para os Discípulos.

Sendo assim, se realizamos com relativa facilidade conferências sobre Medicinas Alternativas, por que razão não haveremos de reflectir sobre o que será uma correcta política de Saúde numa sociedade Sinárquica? E se falamos tanto sobre a estrutura e organização dos Corpos da Personalidade, por que não falar sobre Política Administrativa e Ordenamento do Território em Sinarquia? E se escrevemos textos sobre o Corpo Etérico e a circulação do Prana, por que não escrever sobre Economia, Capital e Trabalho e Circulação Monetária em Sinarquia? E se reflectimos tantas vezes sobre uma Religião Mundial Unificada, por que não pensar sobre uma nova forma de Governo Mundial?

Esta é também uma das missões para as quais os Discípulos Eubiotas se devem rapidamente preparar. Como diria o Mestre: “Quantos mistérios possui a nossa Obra, mas nem todos os conhecem, porque nem todos os enxergam nas menores coisas, nos menores objectos, nas menores passagens...”

António Tavares

(Membro da Comunidade Portuguesa de Eubiose)

MUNDOS SUBTERRÂNEOS

E A MISSÃO DA EUBIOSE

Na sua lenta peregrinação através das Idades sem conta, pela árdua e difícil vereda de experiências sem fim, no sofrimento como na alegria, sempre o homem pressentiu no seu íntimo, mais ou menos inconscientemente, o seu exílio na Terra. Ele sabe, ele retém no seu imaginário colectivo que esta vida é apenas uma passagem e que seu destino imediato é algures, num lugar onde o sofrimento cessa, onde a luz, onde o amor, a bem-aventurança reinam perenemente. O homem tem a presciência de um céu, de um paraíso onde se priva da companhia dos deuses.

Mircea Elíade afirma que as obras de arte, assim como os sonhos, tanto os do sono como os da vigília, quer sejam espontâneos ou provocados por drogas, estão repletas de representações do que poderíamos chamar de “sentimento de nostalgia”. Nós diríamos, à boa maneira portuguesa, “de saudade”.

A aspiração do paraíso perdido é geral, é um consenso universal, uma herança colectiva que deve assentar em pressupostos da realidade profunda, arquetípica. Trata-se, com efeito, duma intuição comum. Na mitologia, no folclore, nas tradições escritas e orais de todos os povos, desde a mais remota antiguidade, se encontram, aqui e ali, múltiplas e variadas aflorações desta intuição.

Para os ocidentais cristianizados este paraíso perdido encontra-se a Oriente; para os orientais situa-se, pelo contrário, no Ocidente. Para os gregos ficaria a Norte, no Setentrão. Para certos orientais, o Paraíso de Amida encontra-se no Monte Kuen-Sun.

O termo paraíso corresponde ao sânscrito “Paradêsha”, que significa “região suprema” e encontra seu paralelo no Pardes dos caldeus. Ora, o Pardes da tradição caldaica, tal como a Paradêsha, constitui um centro primordial, um ponto de comunicação entre o céu e a terra. Neste sentido, identifica-se com o Qâf dos mulçulmanos, “Mansão da Imortalidade”, ou com o Meru dos Hindús, a montanha central, polar, por excelência.

A persistência deste sentimento colectivo constitui-se como um referencial de esperança, um “omphalos” ou umbigo do mundo, Terra sagrada de eterna felicidade, verdadeira Canaan que o olhar humano haverá de vislumbrar um dia. Este “omphalos” é, para os persas, a Aryana-Vaejo e corresponde à Asgharoi dos tibetanos e à Ermedi dos mongóis. Os antigos aztecas chamavam-lhe Tulan e os Mayas de Maya-Pan, a cidade dos tectos de prata “cujo rei usa vestes de ouro”, a que Pizarro procurou infrutiferamente nas selvas mexicanas.

No panteão céltico é conhecida como o “País de Tertres”, pátria do deus Lug, da raça dos Tuatha Dé Danan. Os Eddas escandinavos referem-se-lhe como a “Cidade dos Doze Ases”. Na tradição germânica figura como a “Walhallah”, onde Wagner busca inspiração para os seus Parsifal e Lohengrin, os Cavaleiros que guardam zelosamente o Santo Graal, aguardando ainda que uma nova cavalaria terrestre inicie uma outra demanda, com o regresso do rei Artur, logo que os tempos forem chegados.

Recolhas antropológicas mostram que, ainda hoje, as raças que vivem em estado selvagem acreditam nesse mundo desconhecido onde está a morada dos seus ancestrais.

Para os índios do Paraná, este lugar ou paraíso terrestre é o “Paiquerê” (Boassucanga), região escondida nas terras altas, “muito para além dos campos e florestas; os que ali penetram mantêm-se sempre jovens, em paz, alegria e felicidade”. Para certas tribos do Mato-Grosso este paraíso chama-se “Matatu-Araracanga”.

Alec Maclellan, no seu livro “El mundo perdido de Agharti” conta-nos esta interessante lenda da tribo dos Apinayé:

“Abaixo do nosso existe um outro mundo. Diz-se que ele é muito belo. Todo ele é um vasto campo e as palmeiras de buriti são muito baixas. Nele existe gente e caça. Os nossos povos do mato provêm de lá.

Uma vez um índio estava cavando a terra em busca de um tatú. Ele cavava cada vez mais fundo, atrás da sua presa. Seu companheiro pediu-lhe, em vão, que abandonasse tudo e subisse. Afinal, ele trespassou a terra e entrou no mundo subterrâneo, sobre o topo copado de uma palmeira buriti.

Seu companheiro voltou para a aldeia chorando e contou o que havia ocorrido.

Então, o feiticeiro ofereceu-se para trazer o homem de volta ao mundo superior. Após quatro dias, ele conseguiu, guiando-o ao longo do caminho dos porcos selvagens.”

Não obstante a persistência destas lendas e mitos isto significará, realmente, uma reminiscência colectiva, paradigmática, de um paraíso perdido existente?

Este assunto tem constituído um dos maiores mistérios através dos tempos. As tradições iniciáticas, as que detêm desde eras imemoriais a Sabedoria Primordial, têm preservado cuidadosamente este magno mistério da curiosidade profana.

Mesmo modernamente, iniciados como Helena Blavatsky ou Djwal-Kull, grandes instrutores mandatados pela Fraternidade dos Mestres para prepararem a transição para o ciclo de Aquarius, mantêm silêncio na abordagem deste tema, deixando uma ou outra alusão no ar, mas tão velada que só quem possua a chave poderá interpretá-la.

MUNDOS SUBTERRÂNEOS E A MISSÃO DA EUBIOSE

Em finais do século passado, entretanto, começaram a surgir alguns escritos procedentes de investigadores isolados, sem aparente filiação a qualquer escola esotérica, versando a temática dos mundos subterrâneos. Homens, como Leonhard Euler, o grande sábio alemão, ou John Leslie, o matemático britânico, já no século XVIII acreditavam que a Terra seria oca e habitada no seu interior, mas isto não passaria de convicções pessoais, fundadas na intuição ou na lógica.

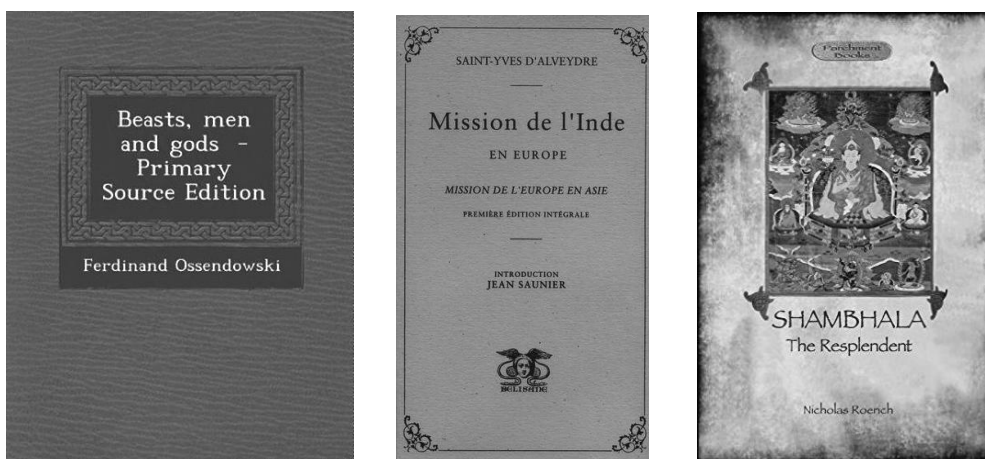
No século XIX, porém, foram lançadas várias hipóteses ousadas. Em 1816, Kormuls afirma peremptoriamente que o interior da Terra é oco. Na sua esteira, Steinhauser adianta que no interior da Terra existe um planeta, que apelida de “Minerva”. William Reed, um americano, vai ainda mais longe. Em 1906 defende no seu livro “Fantasma dos Pólos”, não só, a teoria de que a Terra é oca, mas que possui aberturas nos pólos para o interior. Em síntese, diz:

“A Terra é oca. Os pólos, tão procurados, são fantasmas. Há aberturas nas extremidades Norte e Sul. No interior encontram-se vastos continentes, oceanos, montanhas e rios. Existe uma vida vegetal e animal nesse Novo Mundo, provavelmente povoado por raças desconhecidas dos habitantes da superfície.” (1)

Em 1818, Cleve Symmes, convencido da existência de aberturas nos pólos, solicita, mesmo, auxílio ao Congresso americano para realizar uma expedição ao polo, na intenção de penetrar no interior oco da Terra. É evidente que não recebeu qualquer resposta. A ideia terá parecido, como ainda hoje o seria, completamente utópica.

Alguns anos mais tarde, Marshall B. Gardner, na sua obra “Viagem ao interior da Terra ou foram realmente os Pólos descobertos?” segue as pisadas de Reed, mas retoma a hipótese de Steinhauser, aduzindo um sol interior.

Curiosamente, em 1870, chega até a formar-se um novo movimento religioso, fundado por Cyrus Read Teed que, em 1894, contava com cerca de 4000 adeptos da realidade da Terra oca, defendida por Cyrus na revista “Espada de fogo”.



Especial relevo nos merecem, contudo, os nomes de dois autores: Ferdinand Ossendowsky e Saint-Ives d'Alveidre. Ossendowsky, que percorreu a Mongólia, a China e o Tibete, relata-nos em “Animais, Homens e Deuses”, publicado em 1921, como o fará mais tarde o grande pintor Nicolás Roeritch, o que ouviu das tradições desses povos acerca da existência de um reino intra-terreno a que chama Agharti, onde reina um chefe oculto, dirigente do nosso planeta. Este escritor foi, na

verdade, o primeiro que, no hemisfério ocidental, levantou a ponta do véu que oculta o mistério de Agartha e do Supremo Governo Oculto do Mundo.

Em “A missão da Índia na Europa”, de 1886, Saint-Yves faz-nos uma descrição, bastante detalhada, do que será a organização interna do mundo subterrâneo, a que chama Agartha, do seu Governo e do seu hierofante, que intitula de “Rei do Mundo” e “Soberano Monarca Universal”.

De entre os vários relatos feitos por Ossendowsky extrairemos este, feito pelo lama Gelong, um alto dignitário do príncipe Choultoun-Beyli:

“No mundo, disse Gelong, tudo se acha constantemente em estado de transição e mudança; os povos, as religiões, as leis e os costumes. Quantos grandes impérios e brilhantes culturas pereceram! Só o mal, instrumento dos maus espíritos, é imutável!

Há mais de mil anos, um santo homem desapareceu, acompanhado de uma tribo inteira, no interior do solo e nunca mais regressou, não tornando a voltar à superfície da Terra.

(...) Todos os homens dessa região estão protegidos contra o mal e o crime não existe no interior das suas fronteiras. A ciência desenvolveu-se, aí, tranquilamente, nada está ameaçado de destruição. O povo subterrâneo conseguiu alcançar o mais alto saber.

Actualmente, é um grande reino, com milhões de súbditos governados pelo Rei do Mundo.

Este, conhece as forças da natureza, lê em todas as almas humanas e no grande livro do destino. Invisível, reina sobre oitocentos milhões de homens, prontos a executar as suas ordens. É o reino de Agartha, que abrange todas as passagens subterrâneas do mundo inteiro.”

Em Dezembro de 1959, uma revista intitulada “Discos Voadores” estava prestes a ser remetida aos assinantes e aos escaparates para venda. Simplesmente, isso não aconteceu. O veículo que transportava os exemplares do editor chegou vazio. Os cerca de 5000 assinantes ficaram sem a revista... e sem a informação.

Um distribuidor que, entretanto, recebera 750 números, desapareceu sem deixar rasto e, com ele, as revistas.

Que havia nessas revistas que levou a que forças ocultas e poderosas fizessem desaparecer toda a edição?

Um artigo subscrito por Gianini, com o título “Mundos Além dos Pólos” fornecia, pela primeira vez – e única, cremos – as seguintes informações:

“Desde 12 de Dezembro, de 1929, as expedições polares, levadas a efeito pela marinha americana, determinaram a existência de terras ilimitadas, além dos Pólos.”

“Em 13 de Janeiro de 1956, uma unidade aérea americana penetrou cerca de 2300 milhas além do suposto Polo Sul. Voo, todo ele sobre terras, águas e gelos.”

“Os E.U.A, e mais trinta países, prepararam expedições polares, sem precedentes, entre 1957-1958, a fim de penetrarem nessas terras que existiriam além dos Pólos Norte e Sul, mas o segredo foi mantido.”

O mundo científico acompanhou as expedições do Almirante Byrd, quer à Ártica, quer à Antártida. O que desconhecia é o que Gianini revelava no seu artigo, que Byrd em 1947, aquando da sua primeira incursão aérea no Polo Norte se adensou para lá do suposto Polo, não atravessou a região polar, tendo regressado para o Sul, a 1700 milhas; se o tivesse feito, teria sobrevoado apenas regiões geladas mas, pelo contrário, penetrou numa terra desconhecida, não assinalada nos mapas, um continente de clima ameno, com florestas, montanhas, lagos, vegetação e vida animal.

Anos depois, em 13 de Janeiro de 1956, à frente de uma expedição norte-americana, Byrd partiu da base de McMurd Sound e penetrou cerca de 2300 milhas “além do Pólo Sul”. Nesse voo, sobrevoou terras, águas e gelos e, segundo seu próprio testemunho, teria entrado numa região que abarcava 3690 km além do Polo.

Gianini transcreve alguns apontamentos do diário de Byrd, pouco antes de morrer: “Gostaria de voltar a ver essa terra para além dos Pólos, esse continente encantado no gelo, terra do eterno Mistério, centro do Grande Desconhecido”.

O Almirante, esse extraordinário explorador dos continentes polares, que acabava de observar com os seus próprios olhos o que jamais qualquer profano vira, não teve a ventura de rever essa “terra de eterno Mistério”; mais, os factos ocorridos mantiveram-se como um alto segredo de Estado, ciosamente guardados, tornando-se passivo de censura, por parte das autoridades, tudo quanto se relacionasse com as descobertas de Byrd.

E o mundo nada saberia se, acaso, um outro norte-americano, o Dr. Raymond Bernard não tivesse trazido a público tudo isto em sua Obra “A Terra Oca”, publicada em 1969.

Raymond Bernard, ao manusear alguns livros numa livraria, deparou com uma obra de Huguenin “Dos Mundos Subterrâneos para o Céu – Os Discos Voadores”, sentindo-se chocado com aquilo que leu. Cedo, porém, verificou que as teses desenvolvidas por Huguenin não eram propriamente dele. Huguenin era membro da Sociedade Teosófica Brasileira (não confundir com a Sociedade Teosófica no Brasil, de Adyar), hoje Sociedade Brasileira de Eubiose, e limitava-se a expor os ensinamentos do Prof. Henrique José de Sousa, seu fundador e presidente. Raymond Bernard presta homenagem a J.H.S, considerando-o como uma das maiores autoridades mundiais neste domínio.

Por que razão Huguenin, assim como outros conspícuos membros da Eubiose, tais como o comandante Straus, da aviação brasileira, e o Eng^o Castaño Ferreira, fizeram declarações públicas sobre este tema? Porque foram autorizados, melhor, mandatados, como arautos da Eubiose pelo seu Mestre – um excelso ser profundamente ligado ao mistério dos Mundos Subterrâneos – para proclamar tais



revelações no âmbito da missão da Eubiose, como escola de mistério aquariana destinada a preparar a transição para o ciclo zodiacal de Aquarius.

Já em 1938 Castaño Ferreira, na revista “Globo”, do Rio de Janeiro, declarava numa entrevista:

“Estamos ligados espiritualmente a todos os Centros Místicos do Mundo que conservam, desde a mais remota antiguidade, uma ciência avançadíssima. Tal ciência, hierática, avassaladora, pretende abarcar, em toda a plenitude da sua intrínseca natureza, a lei que rege a evolução. Por isso mesmo, a nós outros é concedido o direito de sabermos, não só a história de quantas civilizações já floresceram na Terra, como também das que vão surgir no futuro.”

Como o repórter insistisse, Castaño Ferreira mostrou-lhe uma página de um livro mantido secreto, um manuscrito com o título “Sancta Sanctorum”, onde pôde ler:

“Dizem as prodigiosas sibilas que o verdadeiro sinal da hora redentora do Mundo se anunciará da boca daquele que, falando de L..., explicará aos que se fizerem dignos os mistérios dos Mundos Subterrâneos. Antes disso é necessário que os mais sagrados Montes da Terra, iluminados pelos Deuses, alcancem a dignidade de mansão das almas que se redimirem pelos seus próprios esforços. Assim, sobressairão os nomes prodigiosos de Machu-Picchu e de Ararat (Roncador), ligados por galerias sumptuosas que atravessam a Grande Cordilheira. Acontecerá que, nesse tempo, o Guardião dos Mistérios perdidos se manifestará com o seu prodigioso nome de EL RICK, brandindo o sacrossanto símbolo da sétima chave, bem assinado no Choan-Ching-Chang, escrito pelas miraculosas garras do Dragão de Ouro.”

Deste sibilino texto destacaremos a seguinte ideia bastante significativa: (...) que a hora chegará em que os mistérios dos Mundos Subterrâneos serão explicados, isto quando se fale de L... pela boca daquele (...)

Podemos revelar que L... é a inicial de um dos Nomes esotéricos do Senhor Maitreya, o Avatara de Aquarius, o Salvador aguardado por todos os povos.

“Aquele” que do Buda Maitreya deveria falar, Mestre Henrique, proclamou aos seus discípulos, em 1963 :

“Mudanças radicais se darão na Terra (...) Vosso trabalho é (...) difundir e construir externamente. Contar ao vosso país e ao Mundo o que vistes, ouvistes e aprendestes. Não 12 discípulos apenas, mas número muito maior, com a missão de divulgadores da Era de Aquarius, em que um Ser Integral, representando o verdadeiro valor humano, virá ao Mundo. Ser que conheceis pelo nome de Avatara Maitreya, mas que terá um nome bem dentro da língua portuguesa.

Ser que encerrará em si próprio o Amor da Mãe, a Sabedoria do Pai, a Omnipotência do Eterno, palavras ainda incompreensíveis...”

Quanto à hora de estas e outras revelações serem anunciadas, a Hierarquia Branca decidiu, em 1956, num conclave, que:

- mistérios e verdades antiquíssimas serão, pela “primeira vez” reveladas ao mundo profano, e que
- serão autorizados Retiros Exteriores, junto dos Santuários Interiores. (2)

Para a Grande Fraternidade Branca, a Fraternidade dos Mestres, era chegada a altura das novas revelações serem divulgadas no quadro das dispensações

que, sempre, são promulgadas no início de cada ciclo zodiacal, em função das etapas que hão-de ser franqueadas no sentido da Humanidade alcançar os limiares previstos pelo Plano do Logos. Naturalmente, as novas revelações seriam veiculadas por vários canais e meios, representando as Escolas de Mistérios, sobretudo os “retiros exteriores” vinculados aos Santuários Internos nesta transição cíclica, uma acção privilegiada.

A nosso Mestre, e ao seu Colégio Iniciático, coube a missão de ministrar aos discípulos o extraordinário acervo de conhecimentos sobre a misteriosa existência dos Mundos Subterrâneos, da sua complexa estrutura económica e social, das hierarquias que vivem no seu habitat, quer intra, quer extra-terrenas, para que estes também o dessem a conhecer ao mundo, na medida das necessidades mundiais.

A Eubiose afirma-se pela sua condição peculiar e específica de estar no Mundo. Como Escola Aquariana promove e prepara a transição para a Nova Era, tanto interna como externamente, ao lado de outras escolas esotéricas, cada uma com as suas próprias especificidades. A sua visão singular da Sabedoria das Idades fundamenta-se, no entanto, na realidade dos Mundos Subterrâneos, já que, para ela, o advento da Satya-Yuga, a Idade de Ouro, a Exteriorização, anunciada, da Hierarquia, a vinda de Maitreya, a instauração da Sinarquia Universal, o Quinto Reino Espiritual – denominado de V Império pela tradição Lusa – não podem ser compreendidos em toda a sua dimensão e envolvimento, nem sequer concretizados no plano da objectividade, senão à luz desta visão.

Por isso, a Eubiose pauta a sua actividade pelas seguintes coordenadas principais:

- Problemática dos Mundos Subterrâneos
- A vinda do Senhor Maitreya (3)
- O papel das Hierarquias intra e extra-terrenas
- Proveniência dos Discos Voadores
- O Brasil, como berço da Nova Civilização e futura Capital Espiritual do Mundo.
- A Instauração da Sinarquia Teocrática Universal.

Relativamente à missão próxima-futura do Brasil será oportuno referenciar-mos as palavras do Mestre El-Morya, proferidas em 1957:

“Os peregrinos que busquem o caminho e a iluminação espiritual serão doravante conduzidos para a América do Sul, como o foram, anteriormente, para o Oriente. Para este fim, os Senhores das forças da Natureza e do Reino Elemental estão fazendo os preparativos necessários, a fim de promoverem um meio natural de acesso ao, até agora, não desvendado Foco de Iluminação Espiritual, nas Montanhas Andinas.” (4)

O que nos diz o Choan El-Morya confirma a doutrina da Eubiose, relativamente ao místico itinerário das Mónadas, o “Itinerário de Io” e seu transcurso de Oriente para Ocidente, para a nova Canaan, cuja Terra de Promissão se firma presentemente no Brasil, onde vão surgir as 6ª e 7ª sub-raças da 5ª Raça-Mãe Ariana. Esta rota de evolução das raças processa-se entre os 23º de latitude norte e os 23º de latitude sul.

A esperança, a crença e a aspiração do regresso de Cristo, tal como Ele mesmo o anunciou, é inerente a todas as tradições. Constitui, mesmo, a nota fundamental de expectativa de todos os povos. Os cristãos anunciam a sua segunda vinda, mas os persas aguardam o seu Saoschyant, os muçulmanos o seu Imam Mahadi, os drusos a chegada de Hansa, os mongóis esperam Chenrazi, os tibetanos Maitreya, os hindus o Kalki-Avatara... múltiplos nomes para uma só Entidade Excelsa.

Diríamos que este tema é crucial, na medida em que existe uma conexão íntima entre o advento de Maitreya e a problemática dos Mundos Subterrâneos. As tradições, as profecias, os textos sagrados anunciam que é de “Shamballah”, a Cidade Sagrada do Norte, que nascerá o Kalki-Avatara, Aquele que acabará com a Idade sombria que tem afligido os homens e está a atingir o seu termo.

Blavatsky, na sua monumental obra “A Doutrina Secreta”, afirma que “Desde os Rishis indianos, até Virgílio e de Zoroastro à última Sibila, todos sem excepção, desde o começo da quinta Raça-Mãe, profetizaram (...) o nascimento duma criança divina que fará voltar a Satya-Yuga, a Idade de Ouro sobre a Terra. Logo que as práticas da Lei estiverem na ocasião precisa de finalizar o ciclo Kali-Yuga, um Aspecto do Ser Divino (...) descerá sobre a Terra. Nascerá (...) como um eminente filho de Shamballah. Pelo seu imenso poder destruirá Ele todos aqueles cujo mental está votado à iniquidade. Então, se fará justiça na Terra”.

Noutro texto, ainda, acrescenta: “É no fim que se aguarda o Avatara Kalki (...) virá de Shamballah, a Cidade dos Deuses ...”

A tradição escrita e oral do Tibete pode resumir-se nestas palavras de Nicolás Roerich referindo-se a Maitreya:

“Está previsto que Maitreya se manifestará depois das guerras. Mas a guerra final far-se-á pela Verdadeira Doutrina. Todos os que se erguerem contra Shamballah serão batidos em todas as acções e as vagas dispersarão as suas moradas.”

Na Índia, o Avatara Kalki é vulgarmente representado por um Cavaleiro Armado, montado num Cavalo Branco, brandindo um sabre arqueado, como a cauda de um cometa. O corcel é representado com a pata direita, da frente, levantada. Isto significa que, quando a pata cair, quando calcar o chão, a Terra tremeirá e todos os homens pervertidos serão arremessados para o nada e que o mal será destruído.

A vinda de Maitreya está fixada para o final dos tempos. Sua procedência é Shamballah, o coração que pulsa no seio da Mãe Terra, e no âmbito desta escatologia se fundem a tribulação dos dias, Sua vinda e a exteriorização das hierarquias intra-terrenas à superfície da Terra.



Andrew Thomas transcreve, no seu livro “Shambhala, Oasis de Luz” o que um Lama erudito lhe contou num mosteiro isolado dos Himalaias:

“O mundo obstina-se a correr para o desastre. A Humanidade não pode salvar a Terra, a não ser através de uma regeneração espiritual. Maitreya mostrará o caminho, mas a própria humanidade é que deve escolher e seguir o caminho.

O novo Buda virá no último quarto do sec. XX. A humanidade deve preparar-se para a vinda dos Arahats e do próprio Maitreya, neste período crucial da história do mundo.”

Da “profecia do Rei do Mundo” recolhida por Ossendowski na Mongólia, vamos extrair esta passagem significativa, relacionada com o fim dos tempos:

“(…) Então, enviarei um povo, agora desconhecido que, com mão firme arrancará as más ervas da loucura e do vício e conduzirá aqueles que ficarem fiéis ao Espírito dos homens na batalha contra o mal (...) Ele fundará uma nova vida sobre a Terra purificada pela morte das nações. No quinquagésimo ano, três grandes reinos, apenas, se elevarão e serão felizes durante setenta e um anos. Em seguida, haverá dezoito anos de guerra e destruição... Então, os povos de Agartha sairão das suas cavernas e aparecerão à face da Terra.”

Sim! Logo que a pata do corcel branco pouse sobre a Terra, virá a hora da grande transmutação, a crise de iniciação planetária abater-se-á sobre a humanidade e, nessa altura, os povos do interior SAIRÃO a fim de ajudar os remanescentes a edificar a nova Jerusalém, o Quinto Império Espiritual.

Eis a mensagem que a Eubiose proclama:

A RECONSTRUÇÃO PLANETÁRIA, A NOVA ERA, SÓ SERÁ POSSÍVEL COM A INTERVENÇÃO E PARTICIPAÇÃO DE TODAS AS HIERARQUIAS EM MISSÃO NA TERRA, AS DA SUPERFÍCIE, AS INTERIORES E AS EXTRATERRESTRES!

Embora as alusões a Agartha e a Shamballah sejam hoje mais frequentes na literatura mundial, a estrutura dos Mundos Subterrâneos é praticamente desconhecida. Shamballah, tal como Agartha, situam-se no interior da Terra, mas existe uma confusão generalizada entre estes dois núcleos místicos.

A doutrina dos Eubiotas ensina que a Terra não corresponde na sua estrutura às teorias preconizadas pela ciência académica. A ciência assenta em postulados de ordem empírica. Por definição, é um corolário de princípios explicativos, de hipóteses formuladas, umas comprovadas experimentalmente, outras por provar ou por infirmar com hipóteses mais explicativas. Se na sua metodologia reside o seu valor, também assenta a sua fragilidade.

Contrariamente ao modelo estabelecido pelos cientistas, de um globo maciço, com um grande núcleo de metais em fusão, defende a Eubiose que a Terra é uma esfera oca com duas aberturas polares e inúmeras embocaduras para o interior, distribuídas por todos os continentes.

Para nós, a Terra não descreve o seu movimento de rotação em torno de um eixo imaginário, demasiado abstracto que, à falta de teoria mais convincente a ciência defende, mas em volta de um núcleo magnético de energia irradiante, estacionário.

Para nós, a Terra constitui um Ser Vivo, a manifestação física de uma grande Entidade Cósmica, um Dhian-Choan ou, se quiserem, um Logos Planetário, um

desses Seres a que as escrituras designam poeticamente como os “Sete diante do Trono”.

Tivemos já ocasião de desenvolver o suficiente sobre esta temática numa entrevista que figura em apêndice, na tradução portuguesa de “A Terra Oca” de Raymond Bernard. Remetemos, pois, para essa obra todos os interessados. (5)

Dado, contudo, o fascínio que a natureza dos Mundos Subterrâneos exerce nas mentes de todos nós, não deixaremos de ministrar algumas noções de carácter geral. Nosso planeta é constituído por três zonas bem diferenciadas. Partindo do exterior, ou seja, da periferia para o centro, deparamos com as seguintes estruturas: Mundo de Duat, Mundo de Agartha, Shamballah.

O mundo de Duat localiza-se na coroa do globo terrestre e é formado por imensas cavernas onde vive e evolui uma humanidade consideravelmente mais avançada que a da superfície.

Agartha, ocupa todo o vasto território situado no interior oco do globo. Está distribuída por sete continentes, a que chamamos “dwîpas”. Cada continente possui a sua metrópole ou capital, cidade super-desenvolvida, esplendorosa em termos sócio-económicos, culturais, tecnológicos, numa palavra, civilizacionais. Em cada continente floresce uma Raça Humana, pois Agartha é o repositório dos biótipos do passado e do futuro.

Cada cantão de Agartha é dirigido por um grande Iniciado, um “Rei” de feição andrógina, mas manifestado nas suas polaridades. As escrituras caldaicas, judaicas e cristãs referem-se a estas entidades como os “Reis de Edom”, do Eden ou do Paraíso.

Se em Duat a proporção dia/noite é de 2/3 para 1/3, em Agartha a luz é soberana. Não existe sombra mas eterna luz. Deste modo, a actividade ali é permanente e funciona de acordo com os elevadíssimos padrões de consciência, a nível dos seres, da fauna, da flora. O limiar tecnológico atingido é simplesmente assombroso, tendo em conta os conhecimentos alcançados na superfície da Terra. Segundo uma revelação pública, feita em primeira mão pelo Hierofante da Eubiose, é de lá que provêm a maior parte dos chamados “Discos Voadores”.

Se os habitantes de Duat e de Agartha se deslocam aereamente em naves interplanetárias, subterraneamente utilizam estranhos veículos que cruzam as galerias em todas as direcções, a velocidades vertiginosas, accionados por um tipo de energia ainda desconhecido por nós.

Shamballah é o Sol interior, a Mansão dos Deuses da mitologia, laboratório planetário do Espírito Santo, Centro e Síntese da Vida Planetária, Núcleo Primordial da Antiga Tradição. Existe, porém, o seu reflexo em Agartha, como oitava cidade, ou super-metrópole de síntese. Shamballah simboliza, na Sabedoria das Idades, o “omphalos” ou umbigo do Mundo. Aí reina soberanamente o “Jovem de dezasseis Primaveras”, o Rei do Mundo, que pode ser substituído ciclicamente, mas representa sempre uma hipóstase, uma expressão manifestada do Logos Planetário. Dirige todos os fios do destino, controla toda a evolução e vida da Terra.

Não podemos deixar de aludir ainda a uma espécie de mundo intermediário, entre a superfície e os mundos interiorizados. Existe a poucos quilómetros abaixo da Terra e funciona como zona de cobertura e de protecção dos outros

Mundos Subterrâneos. O Mundo de Badagas, como é conhecido pelos Eubiotas, está directamente ligado às embocaduras ou entradas para o interior e localiza-se, geralmente, na periferia dos Sete mais importantes Centros de Irradiação Espiritual da Terra, dos seus sete chakras distribuídos pelo Orbe, em ordem a uma geografia sagrada e uma configuração simbólica sideral.

Para finalizar, acrescentaremos que, se no conspecto da Eubiose se perfila o horizonte do Brasil como futura Capital Espiritual do Mundo, não podemos esquecer a Missão de Portugal, quer dizer, a criação do V Império ou Sinarquia Teocrática Universal. Daqui, o papel privilegiado da Eubiose no Brasil e em Portugal. Porque a Capital Espiritual da Sinarquia só o virá a ser no porvir, na medida em que a acção catalisadora dos portugueses instaure o Quinto Reino Espiritual ou do Espírito Santo.

Estes factos justificam, só por si, a geminidade dos dois povos irmãos e a sua síntese esotérica. E se Portugal, proporcionando a fusão das mónadas lusas e ameríndias preparou o cadinho da nova civilização que desponta com a próxima implementação das 6ª e 7ª sub-raças da Raça Ariana, não nos surpreende que nas Terras Lusas brilhe, como um Farol Luminoso, um dos Sete Centros Planetários de Irradiação com sua maravilhosa cidade em Badagas, radicado na nossa Sagrada Montanha de Sintra.

E se cada Chakra Universal do santo corpo da Terra funciona sob a égide de uma das sete Ordens Iniciáticas invisíveis, isto é, sem manifestação profana, é lógico deduzir que no chakra de Cyntia vive essa plêiade de augustos Seres que a Eubiose deu a conhecer ao mundo (6), a Ordem Soberana de Mariz, Ordem Iniciática que desde o berço da nossa raça preside aos destinos de Portugal e da sua história.

Olímpio Neves Gonçalves

(Membro da Comunidade Portuguesa de Eubiose)

NOTAS:

(1) in “A Terra Oca”, de Raymond Bernard. Ed. Minerva

(2) Aquando dum conclave efectuado na religião dos Himalaias, a Fraternidade Branca decidiu que os “retiros exteriores” funcionariam como nova expressão da Hierarquia. Estes retiros são constituídos por grupos de discípulos, de ambos os sexos, que praticam e difundem os novos ensinamentos da Hierarquia, através de rituais, publicações, conferências, etc. Devem viver no mundo, ser do mundo, embora vivendo à parte dele. Respeitam uma determinada ascese e constituem centros exteriores dirigidos sobre o plano da alma. (in “A Irmandade dos Sete Raios, por Brother Philip, Ed. Minerva)

(3) É suficientemente significativa a mensagem precipitada, em 1925, proveniente da Fraternidade de Srinagar, em Leh (Cachemira) e que figura no “Livro Síntese” (não publicado) escrito pelo Mestre da Eubiose.

“A Confraria Branca de Caschemir, por ordem superior de B.:J.: reconhece no Swami H. J. Sousa, não só o Ven. Dirigente da 5ª Rama, com sede no Brasil, como também o Único e Legítimo Representante para toda a América do Sul, com plenos poderes de acção, em virtude de se achar em condições de contribuir para o Grande Trabalho de Regeneração Social e preparo para o Advento do SUPREMO INSTRUTOR DO MUNDO...”

(4) in “A Irmandade dos Sete Raios”, por Brother Philip, Ed. Minerva.

(5) Luis Vidal Lopes, no seu opúsculo “Terra Prometida” (Publicações “A Quimera de Ouro”) revela a nossa identidade, velada sob o pseudónimo “Anónimo de Sintra”. Não existe mais razão para conservar o anonimato.

(6) Um ou outro elemento avulso foi divulgado abusivamente por pessoas que, directa ou indirectamente o colheram dos ensinamentos da Eubiose sem, contudo, recensar a fonte. O próprio comportamento dessas pessoas fala por si. Contrariamente ao que pretendem insinuar, estamos em condições de afirmá-lo, nada têm a ver, mas absolutamente nada, com tais mistérios.

Gostaria de ser membro da Comunidade Portuguesa de Eubiose?

São fins específicos da Comunidade Portuguesa de Eubiose promover o estudo, a vivência e a difusão da Eubiose tal como é postulada na Doutrina Eubiótica, pelos seguintes meios:

Desenvolver as tendências, atributos e virtualidades superiores, latentes no homem, de acordo com a tónica de Aquarius e a sua biorrítmica;

Consagrar objectivamente os cânones e características específicas da Nova Era cuja consecução será a Sinarquia Universal;

Contribuir para o enriquecimento dos conhecimentos da Humanidade à luz da conceituação do Novo Humanismo e Renascentismo Aquarianos.

A Comunidade é rigorosamente neutra em matéria de natureza política e religiosa, não visando fins lucrativos.

Se está em consonância com estes princípios, solicite sem qualquer compromisso o questionário de ingresso.



Comunidade Portuguesa de Eubiose

Priorado Sinárquico Eubiótico da Lusitânia

www.cpeubiose.pt

www.facebook.com/cpeubiose

cpe@cpeubiose.pt

Apartado 4175

1504-001 LISBOA